

Traumatização num contexto de refugiados*

Sverre Varvin**

O último século provavelmente produziu mais indivíduos, comunidades e sociedades traumatizados que qualquer outro período da história, por conta de guerras, conflitos internos, terrorismo, genocídios e outras catástrofes. A verdade é que é difícil fazer uma comparação com períodos históricos anteriores, porém é impressionante a constatação de que o crescimento das sociedades modernas e pós-modernas se fez acompanhar de um imenso desperdício e destruição de vidas humanas.

Aconteceram também significativas mudanças econômicas e estruturais, em nível tanto local como mundial, as quais apresentaram como consequência o alargamento do fosso entre países ricos e pobres e o desenraizamento de comunidades inteiras, com um enorme deslocamento de pessoas e da pobreza, dos pontos de vista social, cultural e econômico. Certos aspectos desse desenvolvimento podem ser caracterizados como uma violência estrutural e podem ser vistos como causadores de uma lenta traumatização de comunidades mais amplas, resultando numa diversidade de problemas, tais como uso de drogas, criminalidade, tráfico e outros.

Milhões de pessoas no mundo atual estão se mudando, algumas voluntariamente, algumas forçadas pela pobreza e a falta de oportunidades, outras ainda forçadas por fatores como perseguição política, guerras e outras catástrofes.

Nesta apresentação focalizarei o problema dos refugiados no mundo atual e as consequências de terem vivenciado a atrocidade extrema, bem como de terem sido obrigados a deixar seu lar e seu país de origem para ir se estabelecer em um novo ambiente, estrangeiro e com frequência inamistoso.

O problema do refugiado

Após a Segunda Guerra Mundial, ser um refugiado significava ser possuidor de uma identidade honrosa; atualmente, contudo, isso se transformou num termo pejorativo, numa marca que atrai desconfiança, alienação e não raro franca hostilidade.

O problema é sério, de amplas dimensões e difícil de

ser entendido. Hoje, existem mais de 37 milhões de refugiados, ou desalojados dentro do próprio país, a maioria composta provavelmente por crianças abaixo de dezoito anos e por mulheres (Johansen, 2005). Embora mais homens e pessoas adultas alcancem países do mundo ocidental na condição de refugiados, a grande maioria deles vive em campos de refugiados e outros assentamentos sob condições de pouca segurança e de extrema pobreza.

Os refugiados estrangeiros são protegidos por leis internacionais, no entanto trata-se de uma proteção relativa, com muitos pontos fracos; pessoas desalojadas internamente em seu país de origem não recebem proteção semelhante e são quase sempre deixadas nas mãos de governos e autoridades locais corruptos e violentos. Tornam-se, assim, vítimas da dinâmica da política internacional, cujos objetivos divergem muito da tarefa de socorrê-los.

Alguns grupos de refugiados alcançam as manchetes dos noticiários e conseguem alguma ajuda. Outros são ignorados e vivem no esquecimento: a República Democrática do Congo vive atualmente a maior e mais ignorada crise humanitária do mundo. Mais de 2,3 milhões de congoleses foram desalojados, e cerca de meio milhão deles vive no exílio. São poucos os que sabem que os curdos desalojados na Turquia são impedidos, pelo governo, de tentar retornar a seu antigo lar. Na Colômbia, mais de 3 milhões de pessoas vivem como refugiadas dentro do país, e na Somália existem mais de 700 mil refugiados internos (Johansen, 2005). A essas situações somam-se crises mais conhecidas envolvendo refugiados: o Afeganistão ainda é o país no mundo que mais produz refugiados; a situação no Iraque é caótica, com muitos desalojados internamente e outros tantos vivendo como refugiados; em Darfur, no Sudão, centenas de milhares de pessoas têm sido forçadas a fugir para lugares onde ficam expostas a novas atrocidades, e assim por diante.

Situações como essas produzem enorme traumatização, tanto no nível individual como no coletivo. As estruturas psíquicas internas são destruídas, assim como as de grupo, de comunidade e de sociedade. Milhões de pessoas

sofrem um desenraizamento e têm que fugir, seja dentro de seu país, seja para outro país. Muitos acabam vivendo no exílio durante anos, ou pelo resto da vida.

Como vivem e como organizam suas vidas? Eles são, é óbvio, extremamente dependentes das condições que lhes são oferecidas. Estão nas mãos das autoridades e das agências de refugiados, e pouco controle têm sobre suas vidas. Mesmo nessas situações, conseguem se organizar em comunidades locais. Indivíduos e famílias se adaptam às novas circunstâncias e as pessoas escapam ao controle das autoridades e agem quando necessário. A vida nos campos de refugiados desenvolve uma estrutura e uma dinâmica próprias, e as crianças, que passam grande parte da infância sob tais condições, desenvolvem habilidades e traços de caráter que podem ser de difícil adaptação em outros contextos. Comunidades de refugiados crescem nas cidades grandes. Muitos refugiados buscam ficar juntos, com frequência contra a vontade das autoridades. Trata-se de assunto para estudos sociológicos e antropológicos, e eu não abordarei aqui essa questão. Baseando-me num exemplo de ação de refugiados, entretanto, desenvolverei algumas idéias sobre a maneira como o trauma e a traumatização influenciam a vida dos refugiados e como isso afeta as possibilidades de organização da vida no exílio.

Traumatização e refugiados

A traumatização no contexto de refugiados é complexa e atinge o indivíduo, a família, a comunidade e muitas vezes a sociedade mais ampla. Quando estão envolvidas violações dos direitos humanos, são suscitados problemas básicos relativos ao direito de ser e existir num dado contexto social que afetam a segurança básica da sociedade civil e, portanto, dizem respeito a todos nós.

Perdas e traumas caracterizam a população refugiada. Há uma diversidade de reações a isso, em nível tanto grupal como individual.

O trauma é, por tradição, definido estritamente sob uma perspectiva individual. Acredita-se que o trauma, ou melhor, o “agente traumatizante”, apresenta um efeito causal, como uma força externa que esmaga o indivíduo, provocando um estado de desamparo que fragmenta as capacidades do ego e que pode deixar a pessoa incapacitada por períodos de tempo mais longos ou mais curtos. Nessa perspectiva, pareceria duvidoso afirmar que um grupo foi traumatizado. No entanto, quando, não obstante, o conceito de trauma se estende e abrange grupos inteiros, isso é feito com base na observação do funcionamento de grupos durante trauma violento, quando os vínculos entre seus membros, os sistemas de suporte, os fatores que permitem a recuperação a partir da dinâmica do grupo etc. fracassam. Tais observações requerem uma definição mais ampla de trauma, que considere o indivíduo em sua relação com os outros em um nível corporal-emocional, como alguém que tem raízes ou bases na relação com o grupo como uma uni-

dade formadora de identidade e na relação com as narrativas culturais num sentido mais abrangente, como a dimensão que garante sentido às experiências de vida.

O trauma como um processo intersubjetivo

O trauma diz respeito não somente ao desamparo do ego, ou ao dano infligido à ligação *self*-objeto, em suas diversas posições, como também ao evento intersubjetivo que o infligiu. Algo amedrontador, alheio e totalmente inesperado no entrosamento com o mundo, invade a estrutura de caráter da pessoa e suas percepções do mundo, assume o controle e torna-se uma característica sem limites, dominante e que toma posse da arquitetura mental interna. Embora isso seja subjetivamente mediado, é quase sempre vivido como algo repudiado pelo indivíduo. A patologia não pode ser definida nem pelo evento em si, nem apenas pela internalização dele, o qual pode, inclusive, deixar vestígios corporais. Mais do que isso, a patologia consiste sobretudo na corporificação das estruturas fenomenológicas do evento, as quais se baseiam numa troca intersubjetiva e se manifestam inconscientemente através de um estado de alerta que ocorre no nível pré-simbólico.

As experiências subseqüentes, tanto subjetivas como intersubjetivas, de não poder pôr em palavras essas vivências e ordená-las simbolicamente em episódios de vida passados e presentes, abrem caminho para que as impressões que se relacionam ao trauma imaginário detenham um poder avassalador. A fenomenologia que se materializa como “memória traumática” é feita de cenários de relações dolorosas, nos quais a pessoa traumatizada se vê totalmente desamparada, acossada e aprisionada por situações imaginárias de pesadelo, e muitas vezes confusa em seus pensamentos e em suas relações com os outros (Rosenbaum & Varvin, 2005).

O trauma, portanto, é um processo essencialmente não verbal em um espaço interpessoal. A estrutura transtornada de relações internas sujeito-objeto manifesta-se nos discursos e na formação de símbolos dos pacientes, e em suas formas de relacionamento com outros nos níveis social, emocional e da fantasia (Varvin & Rosenbaum, 2003).

Em grupos traumatizados, as relações transtornadas aparecem no funcionamento do grupo, em que o equilíbrio entre as forças desestabilizadoras e as forças reestruturantes é perturbado, resultando com frequência numa dinâmica de grupo disfuncional, na qual ocorrem processos como aqueles descritos por Vamik Volkan (2003).

O trauma afeta principalmente três dimensões das relações de uma pessoa com o mundo externo. Esse modelo foi elaborado nos trabalhos de Rosenbaum (2005), Varvin e Rosenbaum (2003) e Varvin (2003a) e pode ser resumido como segue:

1) Relação sujeito/corpo-outro. Esta dimensão diz respeito às relações do indivíduo com o outro em um nível dual, que vem a ser o nível de regulação emocional, dos es-

* Trabalho apresentado no ciclo de conferências “Pensando o trauma e a violência política”, organizado por Leopold Nosek em colaboração com a Diretoria Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 5 e 6 de agosto de 2005.

** Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica Norueguesa e do Centro Norueguês de Estudos sobre Violência e Stress Traumático da Universidade de Oslo.

tados afetivos, mediados pelo corpo. A retração emocional como uma conseqüência de traumatização irá diminuir a possibilidade de utilizar os outros no processo de modulação do afeto negativo. Em estados desorganizados desse tipo, a pessoa pode ser incapaz de concretizar ou simbolizar sensações. Nesta dimensão, ocorrem importantes processos regulatórios emocionais não verbais entre o *self* e os outros, e as relações de objeto internalizadas são um apoio para apaziguar o *self*.

A pesquisa sobre os processos afetivos de auto-regulação (Schore, 1994) e sobre as interações interpessoais de regulação demonstrou a existência de processos fundamentais para a manutenção da segurança. Isso diz respeito especialmente à regulação de ímpetos negativos ou desagradáveis e depende de ligações afetivas precoces seguras, bem como da capacidade adequada de continência no início da vida por parte da mãe/figura materna (Bion, 1962, 1967). Estas, por sua vez, dependem de um contexto cultural e social promotor de crescimento (Obeyesekere, 1990), que inclui a família e a rede de apoio social (Hauff & Vaglum, 1995).

2) O relacionamento do indivíduo com o grupo. Este é o nível de formação de identidade, em que o indivíduo encontra sua identidade como membro de uma família, grupo, comunidade ou nação, e como um ser diferente e único. As questões que se destacam são aquelas relacionadas à pertinência a um grupo (incluindo a família) e à percepção do que os outros querem que ele seja ou faça. A pessoa aprende com o grupo e seus membros e adquire a capacidade de ter empatia e ver as coisas do ponto de vista dos outros. Na dimensão sujeito-grupo distorcida ou desorganizada, o *self* e o grupo não conseguem atuar cognitivamente como primeiro plano e cenário um para o outro. A empatia é reduzida ao egocentrismo, a intimidade se perverte em intrusão ou exploração, e o cuidado se transforma em negligência. O sentimento de comunidade pode ser abandonado e transformado em ausência de saúde psicofisiológica. Não se é mais parte de um grupo e pode-se sofrer a perda do aspecto da identidade pessoal que se relaciona ao grupo ou à família. No processo de desenvolvimento, isso tem a ver com o estabelecimento de um sentido de *nós* (Emde, 1994). Nas sociedades em que a família e o grupo (clã, tribo) são as unidades mais importantes de organização, e nas quais o pertencer a tal grupo tem valor fundamental, tanto para a identidade pessoal como para a social, as perturbações nesta dimensão podem acarretar graves efeitos desorganizadores.

3) A dimensão do discurso do sujeito. Esta dimensão se liga às relações do indivíduo com a cultura mais ampla, ou seja, com a religião, as narrativas culturais, tais como lendas populares, textos filosóficos, códigos morais, normas, e assim por diante. Trata-se do nível em que se estabelecem os significados, e é a fonte na qual são encontradas as maneiras de compreender temas e crises existenciais, desafios de desenvolvimento, ritos de passagem etc. Isso se refere ao nível

do discurso, o que em princípio consiste nos signos escritos, temporalizados e memorizados do viver em uma cultura, os quais não são particularmente estáveis por longos períodos de tempo, porém o são o suficiente para produzir mitos, narrativas, ideologias e paradigmas de crenças e argumentações, tanto convergentes quanto divergentes. Uma elaboração desse modelo é dada por Rosenbaum e Varvin (2002).

As três dimensões mencionadas são interdependentes, no sentido de que o que acontece em um nível influencia os outros. Por exemplo, uma situação de sofrimento emocional poderia ser aliviada mediante o acesso a narrativas, lastreadas na cultura, capazes de mediar a dor de uma forma intersubjetivamente inteligível, o que permitiria o apoio mútuo no nível do grupo. Quando os elos e as instituições culturais estão ausentes ou são disfuncionais, como acontece muitas vezes em contextos de refugiados, a dor sofrida pelo indivíduo pode se tornar privada e resultar em sintomas mentais, dor corporal e comportamento disfuncional. O ponto principal aqui é que o trauma, e especialmente o trauma político ou social, afeta a relação do sujeito com o mundo em todos os níveis, as inter-relações no grupo e o funcionamento dele como um todo no caso de traumatização maciça. Podem-se ver então processos disfuncionais grupais, assim como tentativas desesperadas de trazer o funcionamento do grupo de volta ao equilíbrio.

Como exemplo dos processos de grupos no exílio, descreverei uma ação de refugiados que pode ilustrar o modelo acima. Devo ressaltar que é imensa a literatura sobre refugiados e exílio, a qual, portanto, não me é possível abordar aqui. O caso presente é somente uma ilustração de alguns mecanismos básicos de funcionamento em exílio.

A relação dos refugiados com o país de acolhida

Durante a guerra da Bósnia um grupo de refugiados estava alojado num Centro de Recepção de Refugiados num local remoto da Noruega, no alto de uma área montanhosa. Um dia, uma parte desse grupo, composto de 49 refugiados (21 homens, dezesseis mulheres e doze crianças), deixou o espaço que habitavam e, em uma ação coletiva, alugou um ônibus até a capital norueguesa, onde decidiu acampar na Estação Central de Trens. O grupo consistia de jovens, crianças, pais e avós. Várias das mulheres jovens estavam grávidas (Lavik et al., 1996).

Todos eles provinham de uma área rural na Bósnia central. Eram na maioria agricultores e artesãos acostumados a uma vida estável num contexto rural, onde a vida segue as variações sazonais. Muitos deles habitavam as terras nas quais as famílias viviam havia gerações.

Suas exigências principais eram que lhes dessem novas acomodações e que a família permanecesse junto. Além disso, queriam ajuda psiquiátrica. Eles culpavam as autoridades locais por não terem lhes dispensado a devida atenção. A ação do grupo logo chegou às manchetes. Promoveu-se um debate no qual eles foram atacados e acusados

por não estarem satisfeitos com o que haviam recebido.

Todos os membros do grupo foram entrevistados durante uma semana pelos funcionários de um ambulatório de pacientes refugiados, onde eu trabalhava. Daí emergiu o seguinte quadro: quase todos foram expostos a ações de guerra, e a maioria (sobretudo os homens) já estivera em campos de prisioneiros ou de concentração. Havia um grande número, provavelmente mais do que o que foi relatado, que sofreu torturas e/ou fora vítima de violência sexual. O nível de sofrimento sintomático era alto, e em geral eles receberam um diagnóstico psiquiátrico e 2/3 DSPT (Distúrbio de Stress Pós-Traumático).

Esse grupo havia sido submetido à limpeza étnica. Durante um curto período, todos eles, num prazo de apenas dez a quinze minutos, tiveram que deixar suas casas, e muitos viram tudo ser destruído. Os homens do grupo chegaram primeiro à Noruega, a maioria vinda diretamente do campo de prisioneiros. As mulheres e crianças seguiram-nos cerca de seis meses mais tarde. Muitos não encontraram suas famílias e vários deles perderam parentes. Um número significativo de membros do grupo sentiu o primeiro período – a típica moratória do refugiado – como um alívio, e ficou contente por ter finalmente chegado a um lugar onde havia paz.

O programa de reassentamento acabou atrasando um ano, e a tensão e a frustração no grupo aumentaram com o surgimento de conflitos entre famílias e entre pessoas. Iniciou-se então um processo regressivo de grupo.

No tocante ao modelo mencionado anteriormente, a situação poderia ser assim descrita:

1) Relações sujeito/corpo-outro. Dimensão interpessoal de troca e regulação emocional recíprocas, que ajuda o indivíduo em seus processos de estabilização. A maioria dos membros do grupo, enormemente traumatizada, havia sentido crescentes intrusões e reexperienciado vivências de pesadelo durante o tempo em que esteve no Centro de Recepção. Em vez de ajudar a regular as emoções negativas, ocorrera o oposto devido às tensões crescentes, e, como disse alguém, “estávamos a ponto de matar-nos uns aos outros”. Os cuidados básicos foram deixados de lado. Uma mulher grávida parou de seguir os conselhos médicos e o grupo pouco fez para ajudá-la. Foi como se as relações íntimas tivessem se tornado um peso para os membros do grupo.

2) O relacionamento do indivíduo com o grupo. Na situação de refugiados, as relações normais de papel e hierarquia ficam perturbadas, e os papéis usuais exercidos por cada um podem perder seu valor. Não havia espaço para a autoridade dos mais velhos, tampouco para a função das mulheres e as atividades dos homens. Estes ficavam ociosos e não executavam nenhum tipo de trabalho. Muitos jovens perderam o pai, e as autoridades que faziam parte do grupo viram diminuir seu poder para determinar o destino de seus membros. A pesada carga de dor traumática contribuiu para o abandono do sentimento de comunidade e transformou o sentimento compartilhado em ausên-

cia de saúde psicofisiológica individualizada. Muitos sentiram que não faziam mais parte de um grupo e vivenciaram a perda do aspecto da identidade pessoal ligado ao grupo ou à família. Não foi mais possível dar continência ao sofrimento individual, nem assegurar ou ajudar a desenvolver os processos de identificação necessários para cada um.

3) A dimensão do discurso do sujeito. O grupo vivenciara uma limpeza étnica. Sua identidade como grupo havia, num curto período, sido transformada, em primeiro lugar por terem sido identificados como muçulmanos e, na seqüência, como indesejados, um povo a ser desalojado ou abolido. O que se desenvolveu foi um forte – porém invalidante a longo prazo – sentimento de terem seus membros sido vitimizados. Parcialmente isso foi sustentado pela divulgação de sua situação na mídia, na qual eles foram, por um lado, retratados como vítimas da guerra e do tratamento insensível dispensado aos refugiados pelas autoridades e, por outro, fortemente censurados pela opinião pública como ingratos e exigentes. Os discursos culturais que costumam servir de apoio fracassaram nestes tempos de crise e frustração, de maneira que nem o indivíduo, nem o casal nem o grupo conseguiram encontrar o significado necessário, conservado nas narrativas que faziam parte de sua vida anterior na Bósnia, de que em geral se valiam quando eram confrontados com a dor, própria e alheia. Não houve possibilidade de continência para a enorme dor que o grupo e seus membros carregavam com eles.

O grupo se encontrava numa situação desesperadora, e seus líderes informais reconheciam que algo precisava ser feito. A decisão tomada foi, é claro, inspirada pela sua condição: eles eram refugiados e, numa crise, quando os perigos se tornam muito iminentes, a coisa razoável a fazer é fugir – e foi o que eles fizeram.

Esse tipo de medida pode não ser típica de grupos de refugiados, entretanto ações semelhantes têm sido observadas também numa escala bem mais ampla; grandes grupos de refugiados começaram a perambular sem rumo, não raro contra o que a razão aconselharia, e, no final das contas, muitas vezes a escolha deles parece ter sido a correta.

Frustrações duradouras podem igualmente levar a várias soluções. Podemos ter o desenvolvimento de soluções fundamentalistas, em que, por exemplo, a identidade da vítima acaba solidificada através de ideologias religioso-políticas capazes de organizar frustrações coletivas, fornecer razões e causas, e também determinar a ação a ser realizada (Varvin, 2003b). O extremo disso é o desenvolvimento dos movimentos terroristas, mas há todo tipo de variantes. O desenvolvimento de uma fantasia coletiva sobre um trauma escolhido consiste em uma variante desse processo (Bohleber, 2002).

Outra solução é que o sofrimento pode ser individualizado e a coesão do grupo ser dissolvida, deixando o indivíduo entregue a seu sofrimento particular, o que inevitavelmente gera mais dor e um sofrimento pós-traumático de maiores proporções.

Ainda, é possível encontrar soluções mais avançadas, como a reorganização do grupo, a implementação de novas práticas e rituais, e assim por diante.

O psicanalista e antropólogo Obeyesekere (1990) cunhou o termo “trabalho da cultura”. Para evitar que a dor e o sofrimento privados resultem em doença mental, eles devem ser transformados, e seus significados encontrados nas narrativas culturais que se oferecem e são praticadas pelo indivíduo. Um sintoma é um sinal de distúrbio no trabalho da cultura. No exílio, os refugiados sentem que são vistos como alienígenas e freqüentemente odiados.

Como disse o saudoso Edward Said (2000, p. 181): “A maior parte da vida no exílio é gasta em obter compensações para perdas desorientadoras, através da criação de um novo mundo que se possa comandar”. Foi o que esse grupo tentou fazer, e no final algumas de suas metas foram atingidas.

Tradução: Márcia Mendes Dancini

Referências

- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: Heinemann.
- Bion, W. R. (1967). *Second thought: Selected papers on psychoanalysis*. London: Karnac.
- Bohleber, W. (2002). Kollektive Phantasmen, Destruktivität und Terrorismus. *Psyche*, 56(8), 699-720.
- Emde, R. N. (1994). Individuality, context, and the search for meaning. *Child Development*, 65(3), 719-737.
- Hauff, E. & Vaglum, P. (1995). Organised violence and the stress of exile: Predictors of mental health in a community cohort of vietnamese refugees three years after resettlement. *British Journal of Psychiatry*, 166(3), 360-367, 1995.
- Johansen, R. (2005). *Flyktningregnskapet*. Oslo: Norwegian Refugee Council.
- Lavik, N. J., Christie, H., Solberg, T. & Varvin, S. (1996). Refugee protest action in a host country: Possibilities and limitations of an intervention by a mental health unit. *Journal of Refugee Studies*, 9(1), 73-88.
- Obeyesekere, G. (1990). *The work of culture*. Chicago: University of Chicago Press.
- Rosenbaum, B. & Varvin, S. (2002). The enunciation of exiled and traumatized persons: A model and its application. In S. Varvin & T. Stajner-Popovic (Eds.), *Upheaval: Psychoanalytic perspectives on trauma*. Belgrade: IAN.
- Rosenbaum, B. & Varvin, S. (2005). *The influence of extreme traumatization on body, mind and social relations*. Submitted for publication.
- Said, E. W. (2000). *Reflections on exile and other essays*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Schore, A. N. (1994). *Affect regulation and the origin of the self*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Varvin, S. (2003a). Auswirkungen extremer Traumatisierung auf Körper, Seele und soziales Umfeld. In M. Leuzinger-Bohleber & R. Zwiebel (Eds.), *Trauma, Beziehung und Soziale Realität*. Tübingen: Diskord.
- Varvin, S. (2003b). *Mental survival strategies after extreme traumatization*. Copenhagen: Multivers.
- Varvin, S. (2003c). Terror, terrorism, large-group and societal dyna-

mics. In S. Varvin & V. D. Volkan (Eds.). *Violence or dialogue: Psychoanalytic insights on terror and terrorism* (pp. 53-72). London: International Psychoanalysis Library.

Varvin, S., & Rosenbaum, B. (2003). Extreme traumatization: Strategies for mental survival. *International Forum of Psychoanalysis*, 12, 5-16.

Volkan, V. D. (2003). Traumatized societies. In S. Varvin & V. D. Volkan (Eds.). *Violence or dialogue: Psychoanalytic insights on terror and terrorism* (pp. 217-236). London: International Psychoanalysis Library.

Resumo

Focalizamos em especial a traumatização num contexto de refugiados. É esboçado um modelo de traumatização, aplicado a fim de proporcionar o entendimento de certos aspectos das ações de refugiados num país que lhes deu abrigo.

Palavras-chave

Doença pós-traumática. Psicologia de grupo. Refugiados. Trauma. Traumatização.

Summary

Traumatization in a refugee context

The main focus is traumatization in the refugee context. A model of traumatization is delineated and applied to provide the understanding of some aspects of a refugee action in a host country.

Key-words

Posttraumatic condition. Group psychology. Refugees. Trauma. Traumatization.

Sverre Varvin
Gustav Vigelandstveit 40
0274 Oslo Norway
Tel.: 47 22 609107
sverre.varvin@nkvts.unirand.no

Crianças e trauma: círculos que vão se alargando*

Abigail Golomb**

O terrorismo tornou-se um termo familiar na vida cotidiana. Organizações terroristas, movimentos terroristas, terror mundial, terroristas locais etc. – esses não são mais termos extraídos de séries de espionagem, ou de predições sobre o fim do mundo em programas de entrevistas; eles fazem parte dos noticiários diariamente. Precauções de segurança passaram a vigorar num número cada vez maior de lugares, as pessoas se acostumaram a tirar sapatos e cintos em aeroportos, e a literatura profissional está cheia de trabalhos sobre terapias de pós-trauma.

Crianças estão crescendo neste mundo em mudança. Violência não é nenhuma novidade. Ódio e agressão também. Desastres naturais sempre existiram. E as crianças cresceram com isso fazendo parte de suas histórias individuais e coletivas. Agora o terrorismo mundial está sendo adicionado às questões que elas devem tentar entender, e é preciso ajudá-las a aprender como lidar com a realidade e o conceito de terrorismo.

Há efeitos que são específicos do terrorismo, ou esta é apenas outra forma de violência ou desastre que pode irromper inesperadamente? O terrorismo é algo que trouxe outras conotações para as crianças? Que diferenças ou semelhanças existem entre lidar com uma família individual traumatizada, ou com desastres no atacado?

Indivíduo, grupo e sociedade

Para responder a isso, devemos olhar os círculos concêntricos que influenciam a criança à medida que ela vai crescendo: o individual, o familiar, o pequeno grupo e sua sociedade.

Essas camadas, ou círculos concêntricos, não são exclusivos da psicologia. No estudo de literatura, há a questão do que é que está sendo tratado – quem é a figura central. Com quem o autor quer que nos identifiquemos? Com seu protagonista único, individual, com um grupo, ou com toda uma sociedade? As ferramentas literárias utilizadas são diferentes em cada caso. O estudo de tais ferramentas pode dar-nos uma idéia de como as crianças são influenciadas, não apenas em termos de seu mundo interno, mas também em termos das influências externas: os livros, as

histórias, as tradições e as ideologias aos quais são expostas. Um autor tem como objetivo influenciar-nos de uma certa maneira; ele quer alcançar um certo efeito, ou passar uma certa idéia. As crianças respondem a isso não somente como leitores, como qualquer leitor adulto faria, mas igualmente como parte das idéias e influências determinantes em suas vidas. Em cada estágio de desenvolvimento há aspectos particulares que constituem o trabalho central daquela etapa, e qualquer coisa que diga respeito em especial àquele estágio terá um impacto ainda maior. O desenvolvimento é um processo, e cada estágio serve como base para o próximo, entremeando-se nele e criando novos padrões. Por isso, influências precoces continuam a afetar etapas mais tardias, e influências mais tardias podem redefinir e mudar as mais precoces.

Crianças, tal como os adultos, funcionam melhor quando entendem o que está acontecendo. Assim, elas tentam dar sentido às coisas, através de suas próprias idéias e cognição, bem como das explicações e do exemplo daqueles que as rodeiam, em todos os círculos concêntricos. É consenso que os pais, ou as figuras parentais que cuidam delas, são a primeira e talvez a mais significativa influência; porém, desde cedo as crianças estão expostas a muitos outros estímulos e idéias, aos quais os pais também estão expostos. Esses círculos concêntricos têm constantes influências cruzadas. O exemplo clássico dos meios de comunicação de massa – e pelo termo “meios de comunicação de massa” estamos já subentendendo um escopo enorme – é a televisão. Ela afeta a criança diretamente – o que ela vê e o que ela entende em seu nível; ela a afeta através de seus pais – que vêem e entendem em um nível diferente, e reinterpretam as coisas para o filho; através de seus colegas de escola – que são submetidos a algumas interpretações iguais, mas também a outras diferentes por parte de seus pais; e da sociedade como um todo, que de novo influencia a criança diretamente, através da escola e dos pais.

Darei um exemplo benigno, tirado de minha própria experiência, que se tratou de uma campanha para salvar flores selvagens. Por ordem do Ministério da Educação, en-

* Trabalho apresentado no ciclo de conferências “Pensando o trauma e a violência política”, organizado por Leopold Nosek em colaboração com a diretoria científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 5 e 6 de agosto de 2005.

** Psicanalista pela Sociedade Israelense de Psicanálise.